

## DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA: UM RESGATE À LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Josineia Sousa da Silva (Ufes)<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste trabalho apresenta-se uma análise de caráter bibliográfico-documental e matriz histórico-cultural, cujo objetivo é recuperar pesquisas concernentes à Leitura e Literatura Infantil e Juvenil publicadas pela Revista da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) desde a sua fundação, em 1986. Inspirado nas discussões do grupo de pesquisa Literatura e Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo, intenta-se evidenciar, do ponto de vista qualitativo, o espaço dedicado pela crítica a essa especificidade em um contexto mais amplo da Literatura Comparada no Brasil. Com os resultados, nota-se um amplo campo a ser explorado.

**Palavras-chave:** Revista Brasileira de Literatura Comparada; ABRALIC; Literatura Infantil; Literatura Juvenil.


Ao escrever sobre o campo de trabalho com a Literatura Infantil no Brasil, a crítica Regina Zilberman (2003) considera haver ainda um projeto tão extenso em que, para a mesma, constitui a tarefa do investigador análoga a de Cristóvão Colombo – “pensa-se ter descoberto o caminho para as Índias quando de fato, mal se tangenciou um continente inexplorado” (ZILBERMAN, 2003, p. 11). A analogia se justifica considerando os enganos e preconceitos referentes ao gênero em questão, tal qual o novo mundo do “descobrimento” no século XV.

Para Zilberman (2003), os estigmas pouco visibilizados e permanentes ao gênero diminuem o potencial intelectual e reprimem os meios de evidenciar a vitalidade estética e fraquezas ideológicas intrínsecas à Literatura Infantil. Além disso, para a autora, “A literatura infantil é um campo a ser privilegiado pela Teoria Literária, devido à rica contribuição que proporciona a qualquer indagação bem intencionada sobre a natureza do literário” (ZILBERMAN, 2003, p. 12). E, em paralelo, “A literatura nomeada juvenil emerge [...] com identidade própria, evidenciando sinais peculiares, ainda que não exclusivos dela” (ZILBERMAN, 2014, p. 179).

Assim, em consonância aos apontamentos da autora, situado nas discussões do grupo de pesquisa *Literatura e Educação*, coordenado pela professora Maria Amélia Dalvi, empreendido no contexto da Universidade Federal do Espírito Santo com estudos acerca do livro, da leitura, de leitores e na inter-relação entre Literatura e Educação,

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia, graduanda em Letras e mestre em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo. Contato: josineialis@gmail.com.




esse trabalho tem como mote de discussão a produção crítica da literatura Infantil e Juvenil em um espaço próprio reconhecidamente de Literatura Comparada, haja vista o caráter de produção, ampliação e impacto das pesquisas veiculadas pela Revista da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC).

O recorte disposto à análise aqui apresenta pesquisas relacionadas à produção crítica Infantil e Juvenil sistematizada em trinta diferentes publicações da revista, a qual dá a público em 1991 seu primeiro número de publicação e em 2017, seu trigésimo e último número. Mais particularmente, a partir dos dados, discute-se em que perspectiva essa entidade civil de caráter cultural, que congrega professores universitários, pesquisadores e estudiosos de Literatura Comparada, tem recebido, publicado e se reportado a produção literária correlacionada a crianças e jovens.

A partir do levantamento bibliográfico mencionado, em consonância com as contribuições do pensamento de Roger Chartier (1990), Regina Zilberman (2003; 2014), Nelly Novaes Coelho (2000), Edmir Perrotti (2009), e outros autores, leva-se em conta: 1) O lugar dedicado a literatura Infantil e Juvenil em um contexto referencial de produção crítica de Literatura Comparada no país; 2) as peculiaridades próprias do gênero literário Infantil e Juvenil como lugar autêntico para reflexão e produção crítica literária; 3) o volume de produção do gênero mais evidente no século XX; e, também, 4) o forte influência da indústria e política cultural engendrada na difusão da leitura e produção literária para crianças e jovens leitores.

Em paralelo, considerando que para Chartier (1990) os meios intelectuais e as classes sociais produzem disposições estáveis ou partilhadas, variáveis próprias de um mesmo grupo e, também, esquemas intelectuais, os quais, uma vez incorporados possibilitam criar representação, compreensão de sentido do presente e possíveis interpretações de outros espaços; metodologicamente, na tentativa de recuperar minuciosamente todas as pesquisas atravessadas pelo gênero em questão, buscamos recuperar na própria plataforma da Revista, prioritariamente, pesquisas contempladas pelos descritores: “Literatura Infantil”, “Literatura Juvenil”, “Criança(s)”, “Jovem(s)”, “Infantil”, “Juvenil”, “Infantojuvenil”, “Infanto-juvenil” e “Infantil/juvenil”.

São expressões e palavras que, semanticamente, pelas suas variações, apresentam, a partir de uma tradição de pesquisas, representações próprias de um lugar ainda em exploração e, em constante avanço, retomando as afirmações de Zilberman (2003). Por



outro lado, de acordo com Chartier (1990) estão aparentemente determinadas/permeadas pelos interesses de um grupo social, que, através dos seus próprios recursos, as constitui.

Entretanto, a partir do alargamento de produção da leitura Infantil e Juvenil nas últimas décadas do século XX, Edmir Perrotti (2009), problematiza o significado social das iniciativas que visavam à difusão da leitura junto à população infantil e juvenil no país e, de outro modo, questiona o processo de generalização da cultura e democratização dos bens culturais que poderiam ser vistos como um arranjo promovido pelas elites controladora do estado e a indústria cultural, no sentido de articular um processo de modernização capitalista. Assim, diante dessa e de outras frentes de problematizações que atravessam esse gênero literário, neste trabalho questiona-se sobre os diferentes modos e em que medida discussões correlatas a essas se apresentam no *corpus* inventariado.

### **Descrevendo a fonte de análise**

De acordo com os dados apresentados no próprio sítio eletrônico do periódico em questão, nota-se uma vinculação direta entre a revista analisada aqui em suas diferentes edições e a Associação Brasileira de Literatura Comparada – ABRALIC, que promove eventos científicos e reúne estudiosos de Literatura Comparada em âmbito nacional; colabora para ampliação de estudos comparatistas em nível de graduação e pós graduação em Letras e, dentre outras atribuições; promove congressos, seminários, simpósios e cursos destinados ao público acadêmico<sup>2</sup>.

A revista por si mesma conta com um foco e escopo que engloba o aceite de submissões concernentes a Literatura Comparada, em qualquer língua, em nível nacional e internacional; com um processo de avaliação pelos pares; política de acesso livre, proporcionando a democratização do conhecimento e; atualmente, conta com uma periodicidade quadrimestral, volume de produção nem sempre presente. Recuperando o histórico de volumes já publicados, podemos ver que, há anos em que não consta

---

<sup>2</sup> Ver mais em: (<http://www.abralic.org.br/institucional/apresentacao/>).

publicações. Entretanto, de 2006 a 2015 publica-se semestralmente; e em 2017 três vezes no ano, como demonstra o quadro.


Quadro 1: Apresentação geral de publicações da Revista Brasileira de Literatura Comparada

<b>ANO</b>	<b>V.</b>	<b>N.</b>	<b>ABORDAGEM</b>	<b>ANO</b>	<b>V.</b>	<b>N.</b>	<b>ABORDAGEM</b>
1991	1	1	x	2010	12	16	x
1994	2	2	x		12	17	x
1996	3	3	x	2011	13	18	x
1998	4	4	x		13	19	x
2000	5	5	x	2012	14	20	x
2002	6	6	x		14	21	x
2005	7	7	x	2013	15	22	Juvenil
2006	8	8	x		15	23	x
	8	9	Juvenil	2014	16	24	x
2007	9	10	x		16	25	x
	9	11	x	2015	17	26	Infantil e Juvenil
2008	10	12	x		17	27	x
	10	13	Crianças	2017	18	28	Infanto-Juvenil
2009	11	14	x		18	29	x
	11	15	x		18	30	x

Fonte: sistematização da pesquisadora.

Como se pode constatar, alguns números de publicações variam de acordo com o volume da revista a cada ano. Dessas, constam 396 artigos publicados, o que confere um número equivalente de autores ou mais, levando em conta que alguns artigos são produzidos, em alguns casos, por mais de um pesquisador. Assim, levando em conta o total de publicações em relação ao número de exemplares publicados, tem-se uma média de 13 artigos por número de publicação, dos quais consta em cinco diferentes números, pelo menos um título correlacionado a nosso tema de interesse; o que representa um percentual menos que 2% de representatividade da Literatura Infantil e Juvenil no contexto geral de literatura comparada nesse lugar de produção crítica.

Retomando ao quadro podemos verificar a ausência da temática “Infantil” como tema independente do gênero literário. A palavra vem sempre acompanhada de uma seguinte ou, de outro modo, supõe sua autonomia quando dá a ver o termo “criança”. Nesse contexto a literatura Juvenil é mais recorrente, contudo, desde a primeira publicação da revista no ano de 1991, só em 2006 nota-se a primeira inferência ao tema em questão. A partir disso, são publicados outros quatro artigos: em 2008; 2013; 2015 e




em 2017, demonstrando, com isso, um possível despertar para a reflexão e inserção da literatura Infantil e Juvenil também no âmbito da literatura comparada no Brasil.

De outro modo, elencando os sujeitos e os trabalhos publicados, temos: no v. 8, n. 9 (2006) - Lições de viagens, devoção religiosa e sobrevivência nos trópicos: o Brasil no romance Juvenil francês oitocentista, de Andréa Borges Leão; no v. 10, n. 13 (2008) - Retomada do "cânone" para crianças brasileiras: tradução, transcrição ou adaptação do Outro nas Fábulas de Monteiro Lobato?, de Flávia Mara de Macedo; no v. 15, n. 22 (2013) - literatura Juvenil na escola, de Benedito Antunes; no v. 17, n. 26 (2015) - Imprensa e Literatura: o caso dos periódicos na formação do leitor Infantil E Juvenil em Mato Grosso, de Renata Beatriz Brandespin Rolon e, por fim, no v. 18, n. 28 (2017) - Literatura infanto-juvenil: discussões sobre o panorama histórico e gênero literário e suas características. Produção literária. A prática da leitura na escola e na sociedade, de Ricardo Santos David.

Com exceção do artigo publicado em 2006, o qual não consta palavras-chave, os trabalhos citados foram recuperados por títulos ou palavras-chave e indiciam um lugar próprio de crítica e análise. Temos como indicadores os seguintes grupos de palavras: 1) Monteiro Lobato, La Fontaine, fábulas, adaptação, tradução; 2) literatura juvenil, ensino de literatura, formação do leitor, Reinaldo Moraes, Edney Silvestre; 3) Literatura infantojuvenil mato-grossense. Periódicos juvenis. Formação do campo. Leitores; e 4) Literatura; infanto-juvenil; Livros.

Sinteticamente, os indicadores acima direcionam o nosso olhar respondendo sobre o modo como a Literatura Infantil e Juvenil tem estado presente no âmbito da Literatura comparada. E por outro lado, indicia uma trajetória pioneira e própria dessa produção crítica, corroborando para a inscrição e ampliação de exploração desse gênero literário.

Andréa Borges Leão (2016) partindo de origens sociais, linhagem materna e paterna, de estratégias de aliança no universo letrado, inserções na república das letras, apresenta duas figuras femininas típicas: Amelie Weise Schoppe e Julie Nicolase Delafaye. Familiarmente bem-dotadas por capital escolar e cultural convertidos em educação e escrita. Segundo a autora, trata-se de mulheres que constituem um polo dominante no mundo da produção intelectual e, portanto, dá a ver essa atuação. De outro modo, pensando no processo de adaptação e tradução, Renata Beatriz Brandespin Rolon (2015) diante de textos do escritor brasileiro Monteiro Lobato, interroga sobre a



passagem das Fábulas do escritor francês La Fontaine, um dos principais “modelos” de literatura para a infância no Brasil do fim do século XIX e início do século XX.


Mais preocupado com a literatura Juvenil, o ensino de literatura e a formação do leitor, o crítico Benedito Antunes (2013) discute a suposta especificidade da literatura Juvenil e seu uso escolar em um trabalho comparativo de duas obras, *A órbita dos caracóis* (2003), de Reinaldo Moraes, e *Se eu fechar os olhos agora* (2009), de Edney Silvestre, sobre os quais, para o crítico, os livros apresentam em comum uma possível destinação ao público juvenil, ainda que nenhuma das duas obras analisadas tenha sido concebida com essa finalidade.

Na publicação de Renata Beatriz Brandespin Rolon (2015) verifica-se um trabalho mais focalizado na formação do campo literário detido em Mato Grosso, sobre o qual a autora perfaz o caminho que revela a história da literatura infantojuvenil no estado a partir dos primeiros textos literários direcionados a crianças e jovens por ela recuperados. Além desse, com uma temática não menos importante, Ricardo Santos David (2017) constrói sua crítica acerca da literatura infanto-juvenil na contemporaneidade, demonstrando os desafios enfrentados pelos docentes na aplicabilidade do “gosto pela leitura”, na prática escolar e na vida das crianças e adolescentes nos dias atuais.

### **Considerações finais**

Como resultado, diante do volume de produção intelectual no campo da literatura, do número de edições da Revista em questão, do impacto de veiculação e acesso e, da importância da Literatura Infantil e Juvenil, destacamos, do ponto de vista quantitativo, o restrito espaço dedicado pela crítica a essa especificidade em um contexto mais amplo da Literatura Comparada no Brasil, ou de outro modo, um despertar ainda muito incipiente nesse lugar de produção, veiculação e reflexão teórico-crítica. O que nos faz retornar a analogia pensada por Regina Zilberman no início desse texto, em que se tratando desse gênero, “[...] mal se tangenciou um continente inexplorado” (ZILBERMAN, 2003, p. 11).

Os dados apresentados tornam ainda mais prementes um olhar coletivo e atento aos lugares de reconhecimento, disseminação e ampliação de forças no tocante à construção de autenticidade do gênero literário Infantil e Juvenil. Os resultados




positivos cujos trabalhos de pesquisa partilhados podem empreender não se restringem a uma área exclusiva, mas, principalmente, às múltiplas comunidades culturais de leitura literárias e seus diferentes sujeitos envolvidos.

De modo geral, os pontos mais evidentes nesse trabalho de resgate à literatura Infantil e Juvenil na revista da Associação de Literatura Comparada foram: a recuperação de poucos artigos dedicados especificamente à temática; o longo período sem publicações na revista, apresentando apenas em 2016 trabalhos envolvidos ao tema literatura Infantil ou Juvenil, recuperados pelos próprios títulos, ou palavras-chave; um maior número de produção na última década, - nos últimos cinco anos publicaram mais sobre o tema do que em toda a história da revista; a presença dos termos Infantil e Juvenil sempre muito próximos, indiciando, talvez, alguma fragilidade de autenticidade do gênero; a presença dos temas concernentes à prática escolar, à formação do leitor e à leitura, como um elemento que atravessa quase todos os temas analisados; e, por fim, em contraposição a força e o volume de publicações organizadas pela Associação, os mecanismos de buscas *on-line*, as ferramentas do sítio eletrônico institucional e dos anais não favorecem de modo expressivos pesquisas que, como essa, pretende recuperar dados já publicados.

Com efeito, retomando o lugar da Literatura Infantil e Juvenil, para alguns autores “A literatura infantil (e as crianças) é uma parte da cultura que não podemos ignorar” (HUNT, 2010, p. 15) e, por outro lado, levando em conta o lugar de produção artística, acreditamos que, “A literatura infantil é, antes de tudo, literatura [...] arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideias e sua possível/impossível realização...” (COELHO, 2000, p. 27).

Essas ponderações parecem justificar o papel de professores, pesquisadores e críticos das Letras que se dedicam a dar visibilidade a esse gênero que nos é tão caro a produção crítica literária e à formação dos leitores. Reconhecemos além de tudo que as fragilidades e potencialidades aqui apontadas identificam um lugar próprio de veiculação da crítica literária e, dá a ver, nesse lugar de produção específico, a presença ou ausência da Literatura Infantil e Juvenil. Assim, ancorados em uma perspectiva histórica e social em que se pode analisar uma comunidade cultural específica, nos pareceu significativo um olhar atento às produções da Associação Brasileira de



Literatura Comparada, não por desconsiderar outros lugares tanto mais dedicados à temática Infantil e Juvenil na literatura, mas para evidenciar que nos interstícios da Literatura comparada também está presente o gênero ao qual procuramos recuperar.

Entretanto, vale a pena ressaltar a importância da crítica sob outros olhares e em diferentes perceptivas, para Ana Maria Machado (2016),

Mais do que nunca, exige-se de cada um de nós uma atenção constante sobre as eventuais quebras de continuidade em programas e ações de apoio à literatura infantil e juvenil, sobretudo as do poder público, impossíveis de serem reveladas por mais que tentem se apresentar como bem-intencionadas ou meras pausas para avaliação (MACHADO, 2016, p. 225).

Nesse movimento, contudo, correlacionando a fundamentação, a crítica e os dados, recuperados, este trabalho teve como ponto principal a recuperação da crítica em um lugar de produção específica a fim de verificar como a literatura Infantil e Juvenil é levada em conta no âmbito da Associação de Literatura Comparada no Brasil. Entretanto, registra-se um sinal de alerta diante dos dados apontados, como um indício de que ainda há muito campo a ser explorado.

### **Referências bibliográficas**

ANTUNES, Benedito. A literatura Juvenil na escola. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 15, n. 22 (2013). Disponível em: <<http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/295/299>>. Acesso em 04 Jul. 2017.


CHARTIER, Roger. A História Cultural entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria, análise, didática. 1. ed. - São Paulo: Moderna, 2000.

DAVID, Ricardo Santos. Literatura infanto-juvenil: discussões sobre o panorama histórico e gênero literário e suas características. Produção literária. A prática da leitura na escola e na sociedade. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 18, n. 28 (2017). Disponível em: <<http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/295/299>>. Acesso em 04 Jul. 2017.

HUNT, Peter. Crítica, teoria e literatura infantil. São Paulo: Cosac Naify, 2010.





LEÃO, Andréa Borges. Lições de viagens, devoção religiosa e sobrevivência nos trópicos: o Brasil no romance Juvenil francês oitocentista. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 8, n. 9 (2006). Disponível em: <<http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/134/136>>. Acesso em 04 Jul. 2017.

MACEDO, Flávia Mara de. Retomada do "cânone" para crianças brasileiras: tradução, transcrição ou adaptação do Outro nas Fábulas de Monteiro Lobato?. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n.13, 2008. Disponível em: <<http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/206/209>> Acesso em 04 Jul. 2017.

MACHADO, Ana Maria. *Ponto de fuga: conversas sobre livros*. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

PERROTTI, Edmir. A leitura como fetiche. In: BARZOTTO, Valdir H. (Org.) Estado de leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999, p. 125-148.

ROLON, Renata Beatriz Brandespin. Imprensa e Literatura: o caso dos periódicos na formação do leitor Infantil E Juvenil em Mato Grosso. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 17, n. 26 (2015). Disponível em: <<http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/346>> Acesso em 04 Jul. 2017.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual., e ampl. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina. *Como e porque ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: objetiva, 2014.